

1 Antropóloga, graduada e mestre em Ciências Sociais pela Unifesp. Durante o mestrado trabalhei com os cruzamentos possíveis entre teorias ocidentais sobre gênero e sexualidade e descrições etnológicas sobre esses temas. Me interessa os modos pelos quais o gênero se torna uma questão de interesse nas vidas das pessoas em diferentes contextos. Contato: brup1496@gmail.com

2 Artista transmídia e mestranda em Antropologia Social na UFSCar. Bacharela em Relações Internacionais pela UNESP, atualmente finaliza o bacharelado em Ciências Sociais na UFSCar e faz parte da coletiva de artistas trans Casa Nena. Contato: yuriesposito@hotmail.com

3 Cf. Guattari, F. "Heterogêneses". In: *Caosmose: Um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 2012 (1992).

4 Cf. Bagagli, B. P. "A diferença trans no gênero para além da patologização". *Periódicus*, n. 5, v. 1, p. 87-100, mai./out. 2016. Salvador: EDUFBA, 2016.

Passeios ontológicos por *Testo Junkie*: a produção das subjetividades-corpo

Ontological strolls through Testo Junkie: the production of the body-subjectivities

Bru Pereira de Araujo¹
Yuri Bataglia Espósito²

Resumo

Passeando por questões exploradas em Testo Junkie, de Paul Preciado, duas pessoas transvestigêneres, pesquisadoras em antropologia, debatem neste ensaio. Concepções de Preciado sobre os dispositivos biomoleculares e semiótico-técnicos de subjetivação na era farmacopornográfica são articuladas a teorias pós-estruturalistas e da dissidência sexual, trazendo formulações como a produção político-discursiva de subjetividades-corpo e sujeitos-nome no regime cis-heterossexual.

Palavras-chave: Paul Preciado. Subjetivação. Heterossexualidade. Cisgeneridade.

Abstract

Strolling along questions explored in Testo Junkie, by Paul Preciado, two transvestigêneres people researchers in anthropology debate in this essay. Preciado's conceptions about the biomolecular and semiotic-technical subjectivation devices in the pharmacopornographic era are articulated to poststructuralist and sexual dissidence theories, bringing formulations like the political-discursive production of body-subjectivities and name-subjects in the cis-heterosexual regime.

Keywords: Paul Preciado. Subjectivation. Heterosexuality. Cisgenderness.

Um lance de dados (ao acaso?), para disparar o debate: Uma das reflexões sobre os trabalhos do Paul Preciado que costuma me ocorrer é entrever em seus textos presenças ou uma operatividade de entendimentos em níveis mais gerais ou basais que me remetem a formulações pós-estruturalistas: Estive lendo o *Caosmose* de Guattari³ e me interessa esta visão de subjetividades pré-pessoais; metamodelos maquínicos sobre operações que ocorrem além e aquém das territorializações individualizantes que supõem singularidade, unidade, homogeneidade, autonomia; máquinas-subjetividade infra-pessoais e hiper-pessoais que compõem ou atravessam ou conduzem ou gerem as vivências e significações das pessoas aglomeradas em sociedade. Vejo no *Testo Junkie* um certo inventário histórico dessas tecnologias de agenciamento e subjetivação coletivas, de multidões, operantes nos dispositivos de biopoder; como foram e são produzidas socialmente, política-operativamente características subjetivas que populam os modos de vida e de pensamento, de corpo e de funcionamento das pessoas e dos grupos de pessoas, como por exemplo na fabricação dos corpos e subjetividades cis-hétero⁴.

eu acho que vou começar com esses corpos e subjetividades cis-héteros. vou tentar pensar neles para chegar nesse ponto

5 Cf. Deleuze, G. *Sacher-Masoch: O frio e o cruel*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009 (1967).

6 Cf. Preciado, P. "Jimi e eu". In: *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1, 2018 (2008). p. 343-.

7 Butler, J. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017 (1990). p. 125-127.

8 Idem, p. 131.

9 Cf. Deleuze, G.; Guattari, F. "28 de Novembro de 1947 - Como criar para si um corpo sem órgãos". In: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996 (1980), p. 8-27.

que você trouxe sobre as máquinas-subjetividade. sabe, nesses últimos tempos tenho pensado neste conceito que encontrei no *Testo Junkie* de um "*sadomasoquismo heterossexual cultural*". a influência do Deleuze, ou pelo menos a leitura dele sobre o sadomasoquismo⁵, é bastante marcada. o Paul Preciado comenta que uma definição possível para o sadomasoquismo heterossexual cultural é "*educar corpos hipertestosteronados para desejar corpos hiperestrogenados*"⁶. aqui me parece que ele está fazendo uma leitura nova da ideia de heterossexualidade compulsória, pensando os desdobramentos moleculares/molecularizados gerados pela era farmacopornográfica. a questão que me fica é sobre o que é esse desejo estimulado por biomoléculas [naturais ou sintéticas] de testosterona ou estrogênio? o que acontece com o "*imperativo político heterossexual*" quando suas máquinas/corpos/subjetividades são fabricadas pelo desencontro? há alguma possibilidade de uma subjetivação não sadomasoquista para corpos e subjetividades cis-héteros?

Acredito que podemos dar força a outras possibilidades de subjetivação quando buscamos destronar a compulsoriedade das normatividades em vigência, normalidade alegada naturalidade inescapável; perceber o desencontro não como falha, falta, mas como eficácia de produções sociais em ação; procurar como esse desencontro é programado para se reproduzir. Esse "*desencontro sadomasoquista*" heterossexual me lembra o que Judith Butler (lendo Irigaray lendo Freud) denomina "*melancolia heterossexual*"⁷, instituída pela proibição e tabu da homossexualidade como "*preço de identidades de gênero estáveis*"; a heterossexualidade e a cisgeneridade são produzidas como naturais e legítimas, enquanto a genealogia dessa produção é ocultada, mascarando sua "*imersão nas relações de poder*"⁸.

Em *Mil Platôs*⁹ há um entendimento do desejo masoquista não como fantasma, algo irreal ou impossível mal-entendido como verdade, mas como programa, um motor de realidade que produz existência por replicação e iteração, sem atrelamento ontológico entre diferente e falso, heterogêneo e errado. Com isso podemos pensar o desejo hetero, a conformação subjetiva-corporal cis-binária como especificidades, contingências falseadas em verdade e necessidade universalista _ falseamento o simulacro que é um regime de subjetividade se colocar como mais verdade do que as outras existências; na naturalização de projetos fascistas homogeneizantes, universalizantes despóticos; assim,

a "homossexualidade" ou a "transgeneridade" não são mais nem menos naturais que a "heterossexualidade" e a "cisgeneridade", na mesma medida em que também não são mais nem menos artificiais. Expor a artificialidade da normalidade pode servir para romper com o lastro de qualquer construção discursiva que naturaliza aquilo que é produção social: Interessante de afirmar naturalidade equivalente entre as normas e as dissidências é para afirmá-la igual também a zero: perceber que a linha que inventa-separando o que é natural do que é artificial é sempre arbitrária e funcional.

10 Cf. Mombaça, J. *Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

11 Deleuze, G. "Aula sobre Spinoza de 24/01/1978". In: WebDeleuze. *Cours Vincennes*. Disponível em: <<https://www.webdeleuze.com/textes/194>>. Acesso em: 23 set. 2018.

12 Haraway, D. "Speculative Fabulations for Technoculture's Generations: Taking Care of Unexpected Country". 2007. In: *(Tiernas) creatures: Patricia Paccinni Exhibition*. (Catálogo). Vitória, Espanha: Artium, out. 2007, p. 4-21. Disponível em: <<http://australianhumanitiesreview.org/2011/05/01/speculative-fabulations-for-technocultures-generations-taking-care-of-unexpected-country/>>. Acesso em: 23 set. 2018.34, 1996 (1980), p. 8-27.

13 Stengers, I.; Pignarre, P. *Capitalist Sorcery: Breaking the spell*. New York: Palgrave MacMillan, 2011.

Preciado condensa bibliografias dispersas que podem ser entendidas como das "*dissidências sexuais e desobediências de gênero*"¹⁰, tanto no que falam sobre si mesmas mas, talvez principalmente, nas maneiras como percebem as normas, as instituições, as oficialidades. Desses pontos de vista distanciados dos pretensos centros reguladores, percebe-se mais explicitamente a operatividade e a violência dos discursos naturalizantes e de suas práticas adjacentes; sentem-se as constrictões e as perfurações impostas pelas linhas divisórias que segmentam socialmente as existências e as práticas. Na aderência a vivências normativas também há sofrimento, mas o dispositivo da naturalização fá-lo ser visto como necessidade.

achei muito potente esses últimos versos seus. "*na aderência a vivências normativas também há sofrimento,/ mas o dispositivo da naturalização fá-lo/ ser visto como necessidade*." fico pensando sobre aquilo que aprendemos com Deleuze, com as leituras de Deleuze sobre Espinosa, que o poder precisa nos fazer tristes para que o aceitemos¹¹, para que nos sujeitemos a ele. esses últimos anos tenho andado por aí, por são paulo, vivendo essa boemia paulistana, tentando ouvir as pessoas que encontro e buscando encontrar algo de mim nessas conversas. me angustia o modo pelo qual estamos desconfortáveis pelos roteiros que desde sempre já sabíamos que não funcionavam. e não funcionavam exatamente para aquelas personagens para quem esses mesmos roteiros foram escritos. acho sinceramente que já estamos muito conscientes de que esses roteiros não funcionam, mas parece que não conseguimos inventar novos roteiros. esquecemos como imaginar novos possíveis. vivemos o desconforto de não caber em certos contos sem sermos capazes de criar novas estórias.

naturalizamos o sofrimento como uma necessidade. como não ler o *Testo Junkie* de Preciado como uma exploração de um desses roteiros que já não funcionam. não há inocência na escrita de Paul. ele sabe que ele está explorando uma história que já é velha em toda a sua pretensa novidade. mas os furos no roteiro estão lá. ele sabe que ele não é reconhecido como um "homem-de-verdade", mas também ele já não é mais uma lésbica. ele é a falha ainda não inscrita totalmente no código da "*linha que inventa-separando/ o que é natural do que é artificial*". mas ao mesmo tempo ele é o filho ilegítimo do regime farmacopornográfico¹². mas quem não é? quando você fala da "*operatividade e [d]a violência/ dos discursos naturalizantes e de suas práticas adjacentes*" eu sinto que estamos todos no mesmo barco. na verdade, num navio que sabemos quais ocupantes vão se afogar primeiro. mas todos estamos nos afogando. sufocando. sentindo a água preenchendo nossos pulmões. estamos imersas no sofrimento que naturalizamos como uma necessidade.

uma pequena digressão. nossa subjetividade-corpo é herdeira do regime farmacopornográfico. mas eu aprendi a gostar da palavra "herdeira". Isabelle Stengers (e Philippe Pignarre) me ensinou que ser herdeira nos coloca a possibilidade de pensar, sentir e agir que podemos fazer algo com essa herança maldita, podemos talvez inclusive abandoná-la¹³. não quero dizer que precisamos retomar o tema da agência dos sujeitos. tampouco quero me prender à ideia de uma resistência reativa a um poder que nos sujeita. o que estou tentando pensar de um modo meio torto é como mantemos ainda acesa a ideia de que há ainda possibilidades. de que há algum fora

14 Mbembe, A. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1, 2018 (2006). p. 9-10.

15 Butler, J. *Excitable Speech: a politics of the performative*. New York: Routledge, 1997, p. 45-46.

16 Cf. Wittig, M. *El pensamiento heterosexual y otros ensayos*. Madrid: Editorial Egales, 2006 (1992).

onde podemos vislumbrar, ver mesmo que parcialmente, numa fresta por menor que seja, um aquém da "compulsoriedade das normatividades em vigência".

A visão crítica desse tema da agência é um dos entendimentos que vislumbro como basais para as discussões exploradas no Teste Junkie em continuidade com concepções pós-estruturalistas. Entendo como uma premissa pouco explícita a crítica à ideia de sujeito soberano, de raiz liberal, meritocrata: a ficção institucionalista que postula, como expõe Achille Mbembe, que as pessoas são autônomas, "livres e iguais", "sujeitos completos, capazes de autoconhecimento, autoconsciência e autorrepresentação", de ser "o principal autor controlador do seu próprio significado"¹⁴.

Esse entendimento já vinha sendo desmantelado, como em Foucault e Marx, Butler e Nietzsche. Em *Excitable Speech*¹⁵, Butler recupera uma formulação de Nietzsche nesse sentido: o sujeito seria efeito da moral; ou, em termos mais pós-estruturalistas, das formações discursivas. A "moral" requer e institui um sujeito, ficcional, para lhe imputar culpabilidade sobre processos sobre os quais ele não tem controle; ou, para Butler, não há sujeito antes do "discurso", não há um sujeito que seja soberano das ações discursivas que se dão através dele. Porém, Butler problematiza essa atomização absoluta do sujeito: afirmar agência da "moral" ou do "discurso"/da "linguagem" não abole a responsabilidade de reprodução e reinscrição em performatividades como discursos de ódio.

Acoplando esse debate aos estudos das dissidências sexuais articulados por Butler e Preciado: Monique Wittig¹⁶ trazia que a identidade "mulher" é construída para servir ao regime político heterossexual: uma vez "fugidas" desse regime, as "lésbicas radicais" enquanto sujeito não eram mais "mulheres", pois não estavam existindo socialmente como corpos a serviço da reprodução daquele regime de exploração. Essa operação epistêmica-ontológica de autodenominação reconhece o caráter político e construtivo da subjetividade-corpo: se a identidade não é natural, e é produzida por regimes políticos, quais são os dispositivos de produção da subjetividade normativa que podem ser invertidos para outras produções? Vejo nessa autodenominação uma retomada do corpo enquanto objeto e "agente" de processos políticos, assim como em outros movimentos que problematizam as identidades, potências imaginativas de fuga das produções normativas. E "agente" aqui como para Butler: ponto ficcional que opera aparecendo/funcionando como ator do que se passa, tirando relevância de aspectos como controle e intenção.

Tal formulação da agência pode trazer indícios para explorar a questão que você trouxe de perceber a produção de sofrimento e objetificação mesmo nos grupos sociais normativos e privilegiados. As subjetividades das mulheres e homens cishetero são partes, trechos, nós, dos feixes de produção social do regime político-econômico heterossexual;

17 Preciado, P. "O crepúsculo da heterossexualidade". In: *Testo Junkie...* op. cit., p. 132.

18 Preciado, P. "Farmacopoder". In: *Testo Junkie...*, op. cit., p. 157-.

19 Cf. BENTO, B. "Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?". In: *Cadernos Pagu [online]*, n. 53. Campinas: Ed. Unicamp, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8653413>>. Acesso em: 3 jun. 2019.

20 Preciado, P. "Le féminisme n'est pas un humanisme". *Libération*, 26 Septembre 2014. Disponível em: <http://www.liberation.fr/chroniques/2014/09/26/le-feminisme-n-est-pas-un-humanisme_1109309>. Acesso em: 12 set. 2018.

21 Cf. Haraway, D. "A partilha do sofrimento: Relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 35, p. 27-64, 2011.

22 Cf. Haraway, D. *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.

o que, no entanto, não deve eximir de responsabilidade as categorias privilegiadas pela continuidade de tal regime: as desigualdades e hierarquias são encenadas a partir desses sujeitos-nome todos efeitos, mas aqueles que se adequam às normas hegemônicas possuem resquícios mais abundantes da utópica soberania social, através do maior acesso a direitos civis, sociais e políticos que se sustenta pela produção heterotópica de condições de menos-cidadania.

Preciado também explora em *Testo Junkie* o entendimento da heterossexualidade como regime econômico, engendrado em produzir certa "*mais-valia de gênero*"¹⁷, invisibilizando e expropriando o trabalho das mulheres e demais não-homens, especialmente das racializadas e empobrecidas; como quando faz uma revisão farmacopornográfica da perseguição histórica das bruxas pelas instituições jurídico-médicas¹⁸. O regime cis-hétero de produção da vida funciona como uma atualização necrobiopolítica¹⁹ do paradigma humanista de dominação da "natureza", exposto no artigo "O feminismo não é um humanismo"²⁰: máquina de segmentação da vida que produz o humano dominador privilegiado interseccionalmente. Tal ficção de sujeito soberano se produz materialmente: o sujeito utópico aparece/funçiona como beneficiário e condutor da máquina humanista de produção de máquinas de trabalho, "máquinas vivas" precarizadas construídas socialmente: sujeitos relegados à condição de menos-humano, sub-humano, não-humano. O desencontro/sofrimento é produzido, estimulado, encenado: a diferenciação e a hierarquização são dispositivos fundamentais para os regimes de exploração e extrativismo capitalísticos e coloniais, sexualizantes e racializantes.

No entanto, esse entendimento da agência dos sujeitos também precisa ser examinado ao se pensar nas possibilidades de distanciamento das normas. Butler enxerga certa contradição (ou pelo menos enxergava, nesse livro de 1997), um resquício romântico quando se supervaloriza a agência de movimentos dissidentes. Deve-se atentar que, nesses casos, também existem agências político-discursivas que fogem ao controle de seus sujeitos aparentes. Regimes discursivos normativos e dissidentes operam através dos corpos, disputando-os.

o que poderia ser uma outra retomada crítica da noção de agência? acho que concordamos que essa noção mais nos deixa problemas que soluções. como você muito bem expõe ela já está implicada em tantas histórias difíceis de continuar contando que talvez seja melhor tirar ela do nosso dicionário da vida por-vir. mas como vamos contar uma outra história sem ela? você traz uma ideia que me faz tentar ir noutra direção quando diz sobre a importância de "*não deve eximir de responsabilidade / as categorias privilegiadas pela continuidade de tal regime*".

a ideia de responsabilidade me parece crucial para sobrevivermos à barbárie necrobiopolítica da era farmacopornográfica. responsabilidade como o cultivo da habilidade em responder e permitir que outros respondam²¹. se tornar capaz de responder requer que saibamos habitar o problema²². não fugir dele, mas viver a dificuldade que é estar implicadas nesses agenciamentos

23 Santos, L. K. *A esquiwa do Xondaro: movimento e ação política entre os Guarani-Mbya*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Cf. também Macedo, V. "Mundéu do Mundo. Predação e troca em relações entre os Guarani e os jurua". In: GALLOIS, D; MACEDO, V. (org.). *Nas redes guarani. Saberes, traduções, transformações*. São Paulo: Hedra, 2018.

24 Butler, J. *Excitable Speech...*, op. cit., p. 12, 15.

25 Ibidem, p. 147.

26 Ibidem, p. 14.

27 Cf. Preciado, P. "Micropolíticas de gênero na era farmacopornográfica: Experimentação, intoxicação voluntária, mutação". In: *Testo Junkie...* op. cit., p. 351 ss.

que produzem, estimulam e encenam o sofrimento. mas habitar o problema, permanecer com ele, é traiçoeiro. há uma linha muito tênue entre habitar o problema e ser capturada por ele.

o manejo dessa linha tênue me faz lembrar um movimento da cosmopolítica guarani, apresentado por Lucas Keese dos Santos²³ como "esquiwa". uma forma de produzir um modo específico de engano entre corpos. ao se esquivar o que está em jogo não é a fuga, mas a ativação da capacidade de habitar um problema sem ser totalmente definida por ele. talvez seja uma pequena divagação, mas acho que poderíamos ver aí um aprendizado interessante para conectarmos às práticas de se fazer "autocobaia" que Preciado nos apresenta em *Testo Junkie*.

Acho bem estimulante você trazer o tema da autocobaia depois dessa derrubada pós-estruturalista da ideia de agência de que Preciado é herdeiro, o que faz qualquer noção de "auto-" aparecer como um problema: tentarei habitar um pouco esse problema sem a pretensão de resolvê-lo: Butler mesmo, a partir dessa crítica à agência, já tentava entender como são possíveis as dissidências e resistências às normas, onde e como são possíveis brechas e afastamentos dos regimes políticos bio-subjetivos hegemônicos; nas teorias sobre a linguagem trazidas em *Excitable Speech*, essas possibilidades são exploradas a partir da distância entre a linguagem e o mundo: sendo assim, a linguagem normativa, que produz performativamente as subjetividades-corpo, não deve ser vista como um aspecto totalizante da realidade, mas sim como uma estratégia de totalização, que na prática traz suas "falhas"; e justamente nessas possibilidades de falha performativa da linguagem hegemônica estariam as vulnerabilidades da norma à disrupção e à subversão²⁴. Butler recupera abordagens de Derrida que atentam para possibilidades de ruptura a cada reinscrição performativa, entendendo a significação como disseminação e iteração²⁵, e não reprodução imutável, o que é articulado pela autora para explorar a reapropriação subversiva de termos inicialmente interpelantes e ofensivos como *queer*²⁶.

Esse mecanismo de reapropriação subversiva é o que permite a Butler enxergar as brechas nos regimes de subjetivação normativos: assim, Preciado aprecia que as subjetividades e a noção de "eu" são produzidas por técnicas semióticas e bioquímicas, entendendo os corpos como "*laboratórios políticos*", constituídos farmacopornograficamente: Se a subjetividade é produzida por técnicas específicas, é possível, investigando quais são essas técnicas, observar outras programações das "tecnologias do eu"²⁷ operando construções subjetivas que se distanciam das normas hegemônicas, que se pretendem totalizantes mas nunca chegam a sê-lo. Nisso vemos novamente a potência do pensamento de Monique Wittig, articulado por Butler e Preciado: se a identidade "mulher" tem uma aparente essência forjada por uma conjunção flutuante de atributos, outras combinações de atributos correspondem a outras conformações subjetivas: formulações como "*lésbicas não são mulheres*", "*lésbicas não têm vagina*", são possíveis pois "mulher" e "vagina" são bio-subjetividades que só fazem sentido de maneira relacional e performativa nas operações do regime político-subjetivo heterossexual.

28 Cf. Butler, J. *Excitable Speech...*, op. cit., p. 196, 274. Cf. também Preciado, P. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: n-1, 2014 (2000), p. 94-95.

29 Cf. Preciado, P. "Farmacopoder". In: *Testo Junkie...*, op. cit., e especialmente "O panóptico ingerível".

Como coloca Butler a partir da leitura de *The Lesbian Body*, o corpo é instável, sendo a "*heterossexualidade compulsória (...)* determinante do que conta como corpo"²⁸.

Desprendendo-se de binarismos como natureza/cultura, natural/artificial, percebe-se o aspecto de constructo social das subjetividades: esse entendimento expõe a performatividade de uma programação subjetiva cisnaturalista, que entende as subjetividades-corpo trans como artificiais, perante as subjetividades-corpo cis, que são naturalizadas: Investigando os dispositivos de produção dos corpos e subjetividades, derruba-se a noção de que corpos e identidades cis-hétero seriam naturais e sempre teriam existido dessa forma, expondo que os entendimentos sobre os corpos e as relações entre eles são construídos histórica e politicamente. Entendendo que toda subjetividade é prótese e repetição, podemos aplicar a terminologia desenvolvida pela ativista Indianare Siqueira, que cunhou a expressão "transvestigêneres" para atualizar e agrupar os nomes dos diferentes grupos populacionais que não se adequam às normas cis: travestis, pessoas transgênero, pessoas transexuais; ora, as subjetividades normativas também são próteses, e podem ser entendidas de maneira desnaturalizada como cisvestigêneres. Para Preciado, as identidades cishetero são "ficções somáticas"; a feminilidade e a masculinidade não são dados naturais biológicos, mas programas somato-políticos, processos corporal-subjetivos que compõem "bio-drags"²⁹, artefatos políticos que têm sua genealogia ocultada como natural.

queria pensar, de modo mais concreto, qual o lugar das práticas de autocobaia no trabalho do Paul Preciado. me parece que todas as "experimentações" empreendidas pelo autor se movimentam e são elaboradas a partir do "sexual". é um grande processo de experimentar novas formas de prazer que constituiriam novos corpos. penso que o intuito do autor é levar a sério a ideia foucaultiana de que devemos abandonar nossas ficções sobre a sexualidade e o desejo e investirmos numa experimentação dos corpos e seus prazeres.

confesso que essa presença privilegiada do sexo como o lugar da resistência me incomodava um pouco, como já conversamos em outra ocasião. nas páginas de *Testo Junkie*, Preciado em algum ponto se volta para a divisão desigual do trabalho sobre o cuidado entre sujeitos-homens e sujeitos-mulheres. ele diz que as mulheres são imbuídas de uma "*dermatologia política generalizada*" que faz com que caiba às mulheres não apenas o cuidado dos homens mas o cuidado de outras mulheres.

continuando seu *insight* acerca da distribuição desigual do trabalho de cuidado, o autor comenta como do ponto de vista masculino toda relação de cuidado é vista e experimentada como uma relação potencialmente sexual. mas o tom que o autor usa para fazer esse comentário me deixa um pouco desconfortável. parece que Preciado propõe que as mulheres também passem a ver essa dermatologia política como uma forma de política erótico-sexual. certamente, num mundo cis-heterocentrado a impossibilidade de que o cuidado que as mulheres empreendem entre si seja

30 Preciado, P. *Testo Junkie...* op. cit., p. 43.

31 Cf. Preciado, P. "Potentia gaudendi". In: *Testo Junkie...*, op. cit., p. 44 ss.

32 Cf. Preciado, P. "A lógica do dildo ou as tesouras de Derrida". In: *Manifesto Contrassexual...*, op. cit., p. 71 ss.

33 Cf. Foucault, M. "Método". In: *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999 (1976). p. 88-.

34 Cf. Preciado, P. "Breve genealogia do orgasmo ou o vibrador de Butler". In: *Manifesto Contrassexual*, op. cit., p. 92-93.

35 Preciado, P. *Manifesto Contrassexual*, op. cit., p. 94.

36 *Ibidem*, p. 29.

fonte de prazer sexual se torna uma forma de gestão bastante empobrecedora dos corpos. mas o desconforto vem do porquê ser necessário adotar a "perspectiva" masculina do cuidado como convertível em sexo.

de fato, Preciado se faz cobaia em uma sessão de manicure em um centro de talassoterapia. é ali que ele elabora sua reflexão sobre o cuidado e seu erotismo. ou melhor, descreve o cuidado como uma prática sexual, ou melhor, um serviço sexual que mulheres de classe alta e com dinheiro contratam de mulheres pobres. relendo os trechos em que Preciado discorre sobre sua experiência com a manicure - prática que ele chama de "hedonismo de gênero" - acho que pude dissolver um pouco do meu desconforto anterior. ele parece nos convidar a imaginar e, portanto, igualmente sentir e agir de modo diferente numa situação que cria uma bifurcação entre a oficialidade do regime heterossexual e a oficiosidade de diferentes práticas homoeróticas que mantêm tal regime em funcionamento. talvez menos que propor que adotemos uma perspectiva masculina no lugar de uma perspectiva feminina das práticas do cuidado, o que ele nos oferece é uma perspectiva que se esquia dos regimes óticos de gênero oficiais da era farmacopornográfica. acho que é isso: Paul nos ensina uma nova visualidade que requer olhos novos em corpos radicalmente diferentes.

Sim, você havia me transmitido esse incômodo, de uma aparente retotalização do sexo: por exemplo, quando Preciado elabora a produção farmacopornográfica como uma releitura high-tech da economia política, formulando os "afetos narcossexuais" como máquinas-troca mais elementares que o "capital" marxiano³⁰, e remodelando a "força de trabalho" em "força orgásmica" (*potentia gaudendi*)³¹. Mas vejo aí uma operação performativa que se dá através da subversão das categorias "sexo" e "prazer": assim como o dildo vem "antes" do pênis³², a excitação molecular seria ontologicamente anterior ao sexo humano. As excitações seriam micro unidades de prazer, algumas das quais, articuladas num conglomerado contingente de processos químicos e semióticos, formam a aparente estrutura que é o sexo humano hetero, assim como para Foucault um conglomerado de micropoderes forma a aparência estrutural de Estado³³. Mesmo ainda operacionalizadas, categorias como "excitação" são descontextualizadas e recitadas subversivamente e, assim, desmembradas e reconfiguradas de maneira centrífuga, descentralizando o sexo humano como totalidade ou modelo do "prazer".

Por fim, gostaria de revisar uma crítica que Preciado faz às formulações de Butler sobre a performatividade, aparente no Manifesto Contrassexual mas de certa forma dissolvida em *Testo Junkie*. No Manifesto, Preciado entende no *Problemas de gênero* uma "redução da identidade a um efeito do discurso, ignorando as formas de incorporação" e abstraindo "a materialidade das práticas" corporais³⁴. Para Preciado, o gênero é produzido através de tecnologias corporais, protéticas, e não apenas pela linguagem³⁵. O gênero e, por extensão, a subjetividade, enquanto "prótese", "não se dá senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico", problematizando a falsa disjunção corpo/alma³⁶.

37 Preciado, P. *Pornotopia: Arquitectura y sexualidad en <<Playboy>> durante la guerra fría*. Barcelona: Anagrama, 2010.

38 Butler, J. *Excitable Speech...* op. cit., p. 5.

39 Butler, J. *Problemas de Género...* op. cit., p. 278.

40 *Ibidem*, p. 195.

41 Preciado, P. *Testo Junkie...* op. cit., p. 121.

42 Cf. Preciado, P. "História da tecnossexualidade". In: *Testo Junkie...* op. cit., p.75 ss.

Certamente, a noção de "prótese" atualiza e amplia a de "performatividade", evidenciando a materialidade imbricada na construção da subjetividade; para ele, um entendimento desse processo apenas pela linguagem seria, portanto, insuficiente. No entanto, vejo que o imbricamento linguagem-corpo já estava presente em *Problemas de gênero* e *Excitable speech*. Em *Testo Junkie*, assim como no *Manifesto* e em *Pornotopia*³⁷, os dispositivos de produção do gênero, do corpo e da subjetividade são historicizados de maneira mais minuciosa do que na obra de Butler; porém, lá já se faziam presentes diversas noções com lastro de materialidade, assim como nas teorias pós-estruturalistas. Apesar de Butler ter composto tais teorias operacionalizando categorias como "linguagem", entendo que sua noção já considerava injunções como linguagem-matéria, subjetividade-corpo. Em *Excitable speech*, "a linguagem sustenta o corpo", permitindo-lhe existir socialmente³⁸. Em *Problemas de gênero*, formula-se que "o discurso não se restringe à escrita ou à fala, mas é também uma ação social"³⁹; o gênero é "uma espécie de ação cultural/corporal"⁴⁰. Assim, a existência "corpo" é entendida como construída socialmente, inseparável das atribuições discursivas que lhe tornam inteligível. Em *Testo Junkie*, essa leitura de uma disjunção entre linguagem e corpo na teoria de Butler parece ter sido superada, quando Preciado afirma que "Butler identificou" o gênero como uma "prática discursiva, corporal e performativa"⁴¹, percebendo uma maior amplitude epistêmica.

Dessa maneira, vejo na obra de Preciado, e especialmente em *Testo Junkie*, a intensificação de um esforço de tornar as formulações teóricas sobre o gênero e o corpo mais operacionalizáveis materialmente, esforço que traz diversas continuidades em relação a teorias como as de Butler e Foucault. A "linguagem" pode ser entendida então como uma tecnologia (dentre outras, ao invés de condensar todas) envolvida na produção somato-semiótica⁴² do corpo-subjetividade. Pela sua teoria, perpassa o entendimento de que "o corpo" e "a subjetividade" são produzidos conjuntamente: a subjetividade não é incorporada, assim como o corpo não é subjetificado: não se pode supor uma condição pré-imbricamento. O desatrelamento epistêmico que entende "a produção do corpo" e "a produção da subjetividade" como duas operações distintas e separadas é já um efeito genealógico dos dispositivos onto-naturalizantes.

Então, acredito que, apesar de ser importante apontar insuficiências de um modelo teórico que usa "a linguagem" como instrumento epistêmico para analisar corpos e relações sociais, também pode ser proveitoso para saberes que se pretendem críticos e lutas que se pretendem emancipatórias explorar quais são as possibilidades que se abrem quando se considera a confluência intrínseca entre "materialidade" e "linguagem". Discerni-las é produtivo, mas também pode ser produtivo a mistura e a desestabilização dessas categorias e dos limites entre elas, limites que são sempre epistêmicos e contingentes, e não naturais e necessários. A heterogeneidade epistêmica mostra-se útil a estratégias críticas e emancipatórias quando se percebe que as normas e as dominações também são múltiplas e heterogêneas e estão sempre atualizando seus modos de operação.

43 Cf. a crítica genealógica ao estatuto científico dos saberes hegemonizados e seus efeitos de poder em Foucault, Michel. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010 (1997), pp. 9-14.

Categorias como "a subjetividade" podem ser operacionalizadas como não sendo apenas "efeito do discurso", mas isso não dissipa o poder de eficácia que os discursos hegemonizados exercem sobre "as subjetividades" e "os corpos", que são semantizados e encaixados em sintaxes sociais exploratórias. Mobilizar críticas à linguagem normativa e hegemônica é operativo em termos sociais e políticos porque evidencia que "a linguagem" também é operacionalizada em estratégias de dominação e normatividade; a sujeição dos corpos a regimes materiais de dominação não é separável da hegemonia de formações discursivas como a biologia, a medicina e a economia política, considerando que qualquer formação discursiva é orientada por condições históricas e políticas, e não deve ser naturalizada como descobridora/operadora neutra e objetiva de verdades naturais⁴³.